

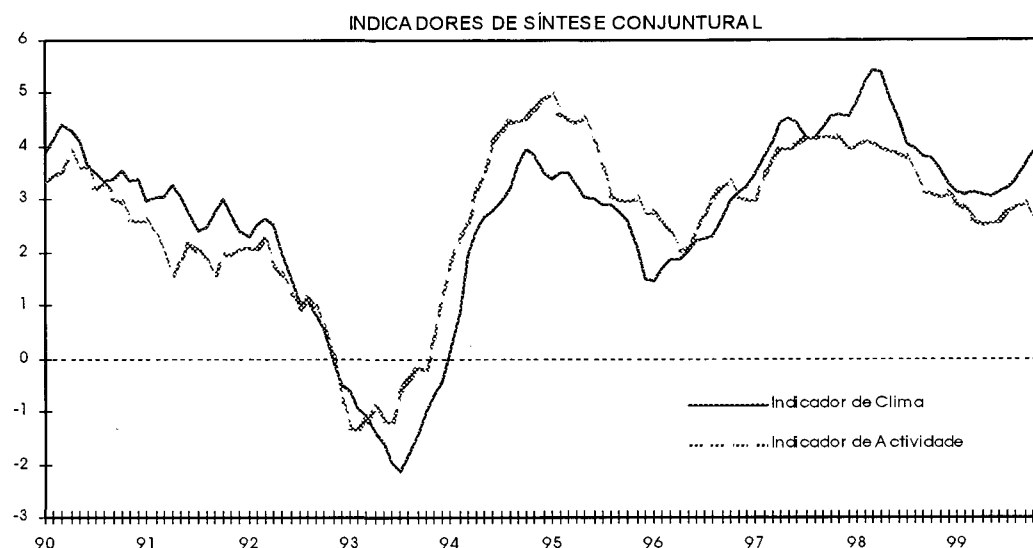


SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

Novembro de 1999

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

PORTUGAL



O ritmo de crescimento económico melhorou até ao final de Novembro, beneficiando da recuperação do investimento em construção e de uma contribuição líquida da procura externa menos negativa do que a verificada durante o primeiro semestre. As previsões da Comissão Europeia apontam para que o crescimento do PIB em Portugal se situe em cerca de 3,1 por cento durante o corrente ano e em 3,3 por cento durante os próximos dois anos. A produção industrial e a construção são os sectores onde a recuperação da actividade é mais notória, continuando a verificar-se um forte crescimento da actividade no comércio e um nível bastante elevado da actividade na hotelaria. A produção agrícola registou uma significativa subida em 1999, em contraste com a forte quebra verificada no ano passado.

A carteira de encomendas externa da indústria portuguesa melhorou até ao final de Novembro, acompanhando idêntica tendência da economia da UE. O PIB da UE terá registado uma subida homóloga de 2,3 por cento durante o terceiro trimestre e a Comissão Europeia prevê que esta tendência se tenha fortalecido durante os últimos meses, permitindo um crescimento anual de 2,1 por cento. O crescimento do PIB da UE deverá subir para 3 por cento ao longo dos próximos dois anos. A recuperação das exportações e o abrandamento do crescimento real das importações originaram durante o segundo semestre uma contribuição líquida da procura externa para o crescimento da produção portuguesa bastante menos desfavorável do que a verificada na primeira metade do ano.

O abrandamento das importações resultou do menor dinamismo da procura interna de bens duradouros, particularmente de veículos automóveis. As vendas de automóveis diminuíram durante o trimestre terminado em Novembro, o mesmo sucedendo com as vendas de veículos comerciais ligeiros. Também as vendas de bens duradouros domésticos abrandaram neste período. As vendas de máquinas desaceleraram nos últimos meses e apenas as vendas de veículos comerciais mantiveram um forte crescimento. Todos estes indicadores tinham conhecido uma forte subida na primeira metade do ano, impulsionando idêntica tendência das suas importações. O investimento empresarial deverá, como consequência, ter abrandado, depois de ter mantido uma evolução muito favorável até ao final de Setembro. Por sua vez, o investimento das famílias em habitação desacelerou significativamente desde o início do segundo semestre mas o investimento em construção das empresas e do Estado apresentou um andamento bastante positivo. O consumo corrente regista uma tendência relativamente estável.

A confiança dos consumidores manteve um nível estável e favorável, o mesmo sucedendo com a sua situação financeira. O abrandamento do investimento das famílias em habitação e da sua despesa na aquisição de bens duradouros deverá estar a traduzir-se em idêntica tendência do crédito.

As ofertas de emprego cresceram e o desemprego desceu até ao final de Novembro. Por sua vez, os salários contratados registaram uma evolução anualizada de 3,5 por cento durante o trimestre terminado no referido mês. Como a inflação foi mais baixa, o poder de compra salarial continuou a recuperar. De facto, a percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor estabilizou em 2 por cento durante o referido período. No entanto, verificou-se uma aceleração da inflação subjacente entre Setembro e Novembro.

Catálogo recomendada

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL. Lisboa, 1997-
Síntese económica mensal / ed. Instituto Nacional de
Estatística. - Novembro 1997- . - Lisboa : I.N.E.,
1997- . - 30 cm
Mensal
ISSN 0873-9374

Director

Presidente do Conselho de Administração
C. Corrêa Gago

Editor

Instituto Nacional de Estatística
Av. António José de Almeida
1000-043 LISBOA
Telefone: 21 847 00 50
Fax: 21 847 85 78

Composição

INE - Gabinete de Estudos
Área Económica

Impressão

INE - Secção de Artes Gráficas

Tiragem: 550 exemplares

Depósito legal n.º 117748/97

Preço: 480\$00 (IVA incluído)
2.39 €

Para esclarecimentos sobre a informação apresentada contacte:

Gabinete de Estudos e Conjuntura

Dr. Francisco José Melro - Ext. 3821

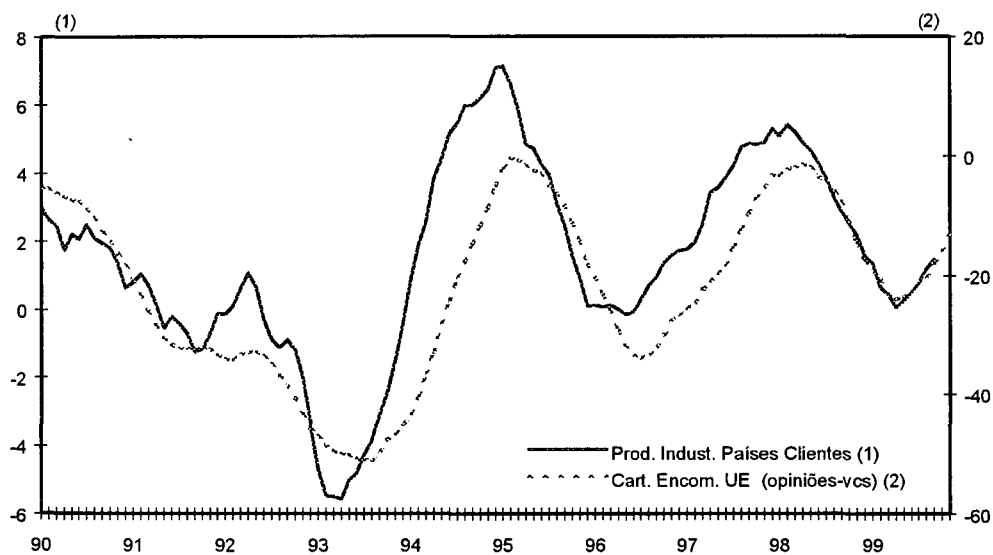
O INE na Internet
<http://www.ine.pt>

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

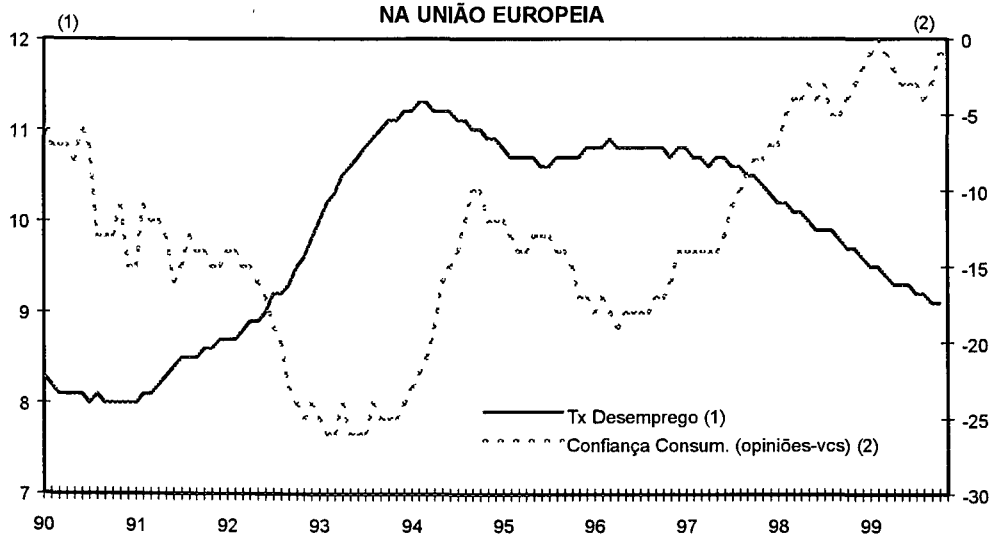
NOVEMBRO DE 1999

	Trimestres					Meses		
	III.98	IV.98	I.99	II.99	III.99	Set.99	Out.99	Nov.99
ENQUADRAMENTO EXTERNO								
PIB dos Países Clientes (tvh-volume)	2.7	2.2	2.0	2.1	2.5	X	X	X
Produção Industrial dos Países Clientes (índice)	2.9	1.6	0.4	0.5	1.5	1.5	-	-
Cart.Encomendas da Indústria na UE (opiniões-vcs)	-8	-18	-23	-23	-18	-16	-13	-10
Indic.Confiança dos Consumid.na UE (opiniões-vcs)	-4	-3	-1	-3	-3	-3	-1	-1
Taxa de Desemprego na UE (valor mensal)	9.9	9.7	9.5	9.3	9.2	9.1	9.1	-
Preços no Consum.na UE (índ.mensal harmonizado)	1.3	1.0	1.0	1.1	1.2	1.2	1.3	-
Preços de Produção nos Países Forneced. (índice)	-0.9	-1.9	-2.0	-1.2	0.4	0.4	0.9	-
Preços de Matérias-Primas (índice "The Economist")	-21.1	-18.3	-16.9	-12.6	-6.3	-6.3	-3.8	-2.0

CONJUNTURA INDUSTRIAL NO EXTERIOR



DESEMPREGO E CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES NA UNIÃO EUROPEIA



ENQUADRAMENTO EXTERNO

A Comissão Europeia prevê uma significativa aceleração do crescimento económico da UE durante os próximos dois anos. A confiança dos consumidores da UE melhorou durante os últimos meses, acompanhando a descida da taxa de desemprego, enquanto a dos consumidores dos Estados Unidos se mantinha a um nível muito elevado.

Segundo as projecções de Outono da CE, a economia mundial deverá acelerar em 1999 e estimular um maior crescimento do comércio mundial. As economias do Sudeste Asiático terão recuperado significativamente em 1999 e deverão registar um crescimento médio próximo de 4,5 por cento nos próximos dois anos. Por sua vez, o crescimento do PIB da UE terá acelerado ao longo da segunda metade de 1999 e deverá consolidar esta tendência em 2000 e 2001, com crescimentos em torno de 3 por cento.

Estas projecções são coerentes com o andamento dos diferentes indicadores de conjuntura. De acordo com a informação disponível, o crescimento homólogo do PIB dos principais parceiros económicos de Portugal conheceu uma aceleração ao longo do terceiro trimestre, atingindo 2,5 por cento. O mesmo se verificou com a produção industrial deste conjunto de países, cujo índice registou um crescimento homólogo de 1,5 por cento durante o terceiro trimestre.

O crescimento manteve-se mais forte nos EUA. Segundo o EUROSTAT, no terceiro trimestre, o crescimento homólogo do PIB da UE terá sido de 2,3 por cento, contra 4,2 por cento nos EUA e 1 por cento no Japão. A produção industrial apresentou igualmente uma evolução mais intensa nos EUA. No entanto, a conjuntura industrial da UE tem continuado a melhorar, tendo os industriais da UE referenciado um andamento favorável da produção e da carteira de encomendas até ao final de Novembro.

A recuperação da procura externa contribuiu para a aceleração do crescimento económico da UE durante o terceiro trimestre. Segundo o EUROSTAT, as exportações de bens e serviços terão registado neste período uma subida homóloga real de 4,1 por cento, contra apenas 0,9 por cento no trimestre anterior. O crescimento da UE beneficiou igualmente de um

andamento mais favorável do consumo, que tinha abrandado no trimestre anterior.

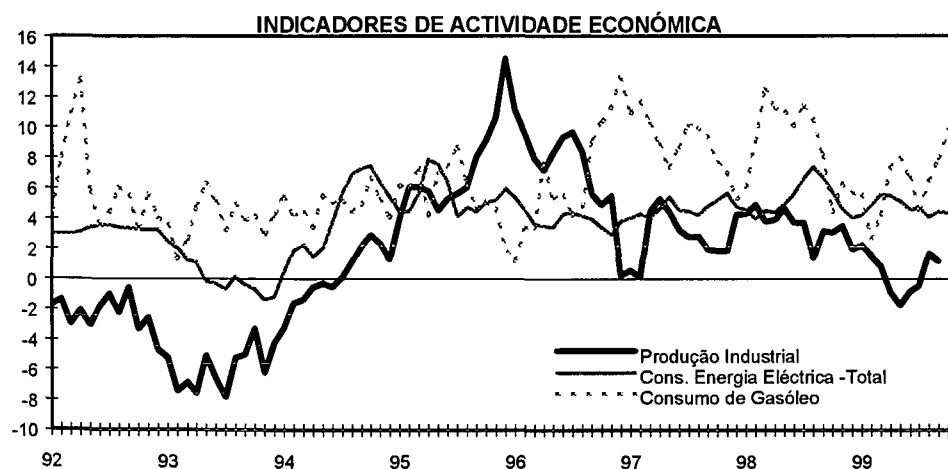
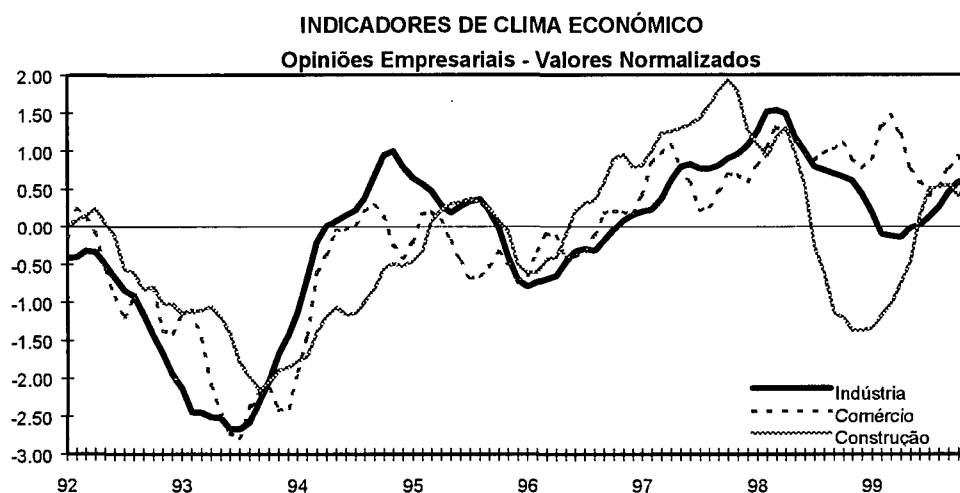
O crescimento económico da UE melhorou até ao final de Novembro, enquanto o dos EUA se manteve muito forte, como se conclui da evolução da taxa de desemprego, que em Outubro desceu para 9,1 por cento na UE e que em Novembro se manteve em apenas 4,1 por cento nos EUA. Tendo em conta a informação disponível, a taxa de desemprego da UE deverá ter voltado a baixar em Novembro.

A procura interna continua a ser determinante no dinamismo da economia dos EUA. De facto, a confiança dos consumidores deste país manteve um nível muito elevado até ao final de Novembro e as vendas no comércio a retalho registaram uma subida homóloga de 9,4 por cento durante o trimestre terminado no referido mês.

A procura interna da UE está a recuperar, embora evolua mais lentamente que nos EUA. A melhoria da procura de bens de consumo da UE é sugerida por idêntico comportamento do indicador de confiança dos consumidores entre Setembro e Novembro. Por sua vez, os industriais da UE referenciaram uma melhoria da carteira de encomendas externa até ao final de Novembro. A conjugação destas contribuições, interna e externa, deverá possibilitar um crescimento mais forte da UE durante o quarto trimestre.

A variação homóloga do índice de preços harmonizado da UE subiu em Outubro para 1,3 por cento, enquanto, em Novembro, a dos índices não harmonizados atingia 1,5 por cento na UE e estabilizava em 2,6 por cento nos EUA. A forte subida do preço do petróleo, o aumento do preço das matérias-primas não energéticas e o enfraquecimento do Euro explicam a subida da inflação na UE.

	Trimestres					Meses		
	III.98	IV.98	I.99	II.99	III.99	Set.99	Out.99	Nov.99
INDICADORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICA								
Indicador de Clima Económico	3.8	3.3	3.1	3.1	3.7	3.7	3.9	3.8
Indicador da Actividade Económica	3.1	3.1	2.6	2.6	2.9	2.9	2.5	-
Produção da Indústria Transformadora (índice)	3.3	1.9	0.8	-0.8	1.3	1.3	-	-
Volume de Negócios da Indústria Transf. (índice)	5.4	1.8	-1.3	-1.5	-0.3	-0.3	-	-
Proc.Interna Bens Intermédios (opiniões-ve-mm3m)	-11	-15	-18	-15	-13	-13	-10	-9
Volume de Negócios no C.Retalho (índice)	9.5	10.7	7.5	4.3	-	-	-	-
Indicador de Clima na Indústria (opiniões-v.normal.)	0.70	0.43	-0.13	0.02	0.46	0.46	0.59	0.58
Indicador de Clima na Construção(opiniões-v.norm.)	-1.14	-1.37	-1.01	0.14	0.55	0.55	0.41	0.52
Indicador de Clima no Comércio (opiniões-v.normal.)	1.03	0.77	1.46	0.59	0.78	0.78	0.92	0.63
Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto (vcs-mm3m)	61.3	55.3	58.4	60.0	59.4	59.4	58.8	-
CONSUMOS ENERGÉTICOS								
Energia Eléctrica - Total	6.7	4.0	5.6	4.5	4.4	4.4	4.3	4.0
Consumo de Gasóleo	8.1	5.7	4.2	6.7	7.9	7.9	9.8	-
Consumo de Fuel na Indústria Transformadora	4.6	-2.7	-4.6	7.2	12.0	12.0	-	-



ACTIVIDADE ECONÓMICA

A economia deverá ter continuado a recuperar até ao final de Novembro, apesar do crescimento homólogo do indicador de actividade ter abrandado ligeiramente. A reanimação económica continua a ser impulsionada pela procura externa e pelo investimento em construção.

O indicador de clima económico registou uma subida homóloga de cerca de 3,8 por cento ao longo do trimestre terminado em Novembro, consolidando a melhoria do ritmo de crescimento verificada durante o terceiro trimestre. A actividade no sector do comércio manteve uma evolução forte e relativamente sustentada ao longo do corrente ano, enquanto se assistia a uma recuperação da produção na indústria transformadora e no sector da construção ao longo do segundo semestre. Por sua vez, a taxa de ocupação da hotelaria, corrigida da sazonalidade, manteve um nível muito positivo e durante os meses de Setembro e Outubro situou-se acima do período homólogo.

O crescimento homólogo do indicador de síntese da actividade económica registou um ligeiro abrandamento entre Setembro e Outubro mas deverá reassumir uma tendência ascendente durante os próximos meses.

Segundo as previsões da Comissão Europeia, o PIB de Portugal deverá crescer 3,1 por cento em 1999 e manter um ritmo de crescimento em torno de 3,3 por cento ao longo dos próximos dois anos. A economia portuguesa foi afectada durante a primeira metade de 1999 pelo fraco dinamismo da procura externa mas beneficiou no conjunto do ano de uma recuperação significativa da produção agrícola, que tinha caído fortemente em 1998.

A reanimação da economia tem vindo a ser estimulada pela retoma da procura externa e pelo crescimento mais intenso do investimento em construção. Até ao final de Novembro, esta tendência da economia foi acompanhada por uma evolução favorável das ofertas de emprego e por uma redução do desemprego.

Apesar de algumas componentes da procura interna estarem a abrandar, os efeitos desta tendência deverão fazer-se sentir essencialmente sobre as importações.

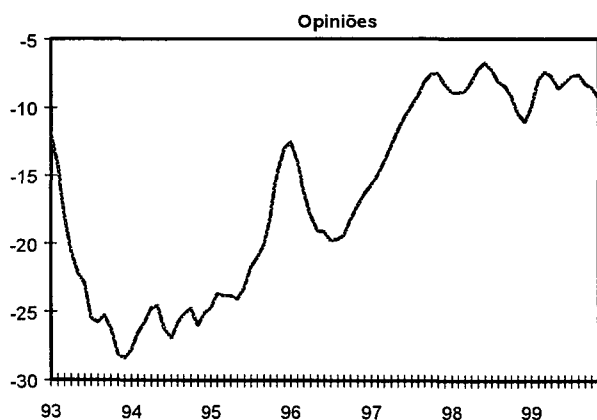
De facto, a desaceleração da procura interna verificou-se sobretudo nos bens duradouros, e com maior incidência nos veículos automóveis, onde a componente importada é muito forte. Como as exportações têm vindo a recuperar, a contribuição líquida da procura externa para o crescimento da produção estará a ser menos desfavorável no segundo semestre do que durante a primeira metade do ano.

O índice de produção da indústria transformadora registou uma subida homóloga de 1,3 por cento durante o terceiro trimestre, após uma evolução negativa no trimestre anterior, e o respectivo índice de volume de negócios revelou também no mesmo período um andamento menos desfavorável que em períodos anteriores. As apreciações dos industriais referem um reforço desta tendência até ao final de Novembro e as suas expectativas apontam para um andamento produtivo mais intenso durante os próximos meses. A indústria produtora de bens intermédios continua a liderar a recuperação industrial, como se depreende da evolução do seu índice de produção e do consumo de fuel pela indústria (excluindo EDP).

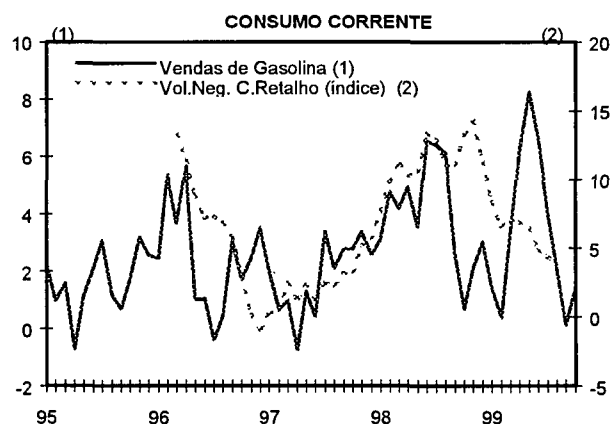
Por sua vez, o consumo de energia eléctrica, corrigido dos efeitos da temperatura e do número de dias úteis, apresentou um crescimento homólogo de 4 por cento durante o trimestre terminado em Novembro, enquanto o consumo de gasóleo subia cerca de 10 por cento no trimestre terminado em Outubro, confirmando a uma evolução bastante favorável do conjunto da economia.

	Trimestres					Meses		
	III.98	IV.98	I.99	II.99	III.99	Set.99	Out.99	Nov.99
CONSUMO PÚBLICO	5.7	9.2	9.3	7.3	7.5	7.5	6.5	-
Despesas com Pessoal	7.3	9.7	9.5	5.6	7.4	7.4	7.4	-
Despesas com Bens e Serviços	-6.5	7.1	7.4	27.4	8.3	8.3	-0.2	-
SITUAÇÃO FINANCEIRA DAS FAMÍLIAS								
Inquérito aos Consumidores (Opiniões-ve-mm3m)	-5	-6	-4	-6	-4	-4	-4	-4
CONSUMO PRIVADO								
Indic. de Confiança dos Consumidores (opiniões)	-8	-11	-7	-8	-8	-8	-9	-9
Crédito ao Consumo (tvh-Euros)	19.0	23.1	18.3	29.6	27.5	27.5	-	-
Operações da Rede Multibanco	22.4	21.9	19.5	18.5	16.6	16.6	15.5	16.1
Proc.Interna B.Consumo Indust.(opiniões-ve-mm3m)	-9	-9	-10	-17	-13	-13	-11	-11
CONSUMO CORRENTE								
Vendas no Com.Retalho B.Cons.Corr. (opiniões)	6	6	12	0	10	10	9	5
Vol.Negócios no C.Retalho B.Cons.Corr.(índice)	11.0	11.3	6.9	4.9	-	-	-	-
Vendas de Super e Hipermercados	9.8	7.8	8.5	6.0	8.4	8.4	8.2	-
Vendas de Gasolina	2.6	3.0	3.4	6.6	0.1	0.1	1.4	-
Dormidas na Hotelaria	8.9	5.9	8.1	0.9	-	-	-	-
CONSUMO DE BENS DURADOUROS								
Vendas no Com.Retalho B.Durad. (opiniões)	-16	-20	17	19	-18	-18	-27	-15
Vol.Negócios no C.Retalho B.Dur.(índice s/Autom.)	7.4	10.1	6.7	4.2	-	-	-	-
Vendas de Automóveis e Veíc. Todo-o-Terreno	23.3	22.5	35.1	16.2	12.0	12.0	4.7	-2.5
Matrículas de Automóv. e Veíc. Todo-o-Terreno	11.7	24.5	23.3	16.1	3.6	3.6	-0.1	-5.4
Vol. de Negócios da Indúst. Mobiliário (índice)	1.9	-8.2	4.1	-0.3	-1.5	-1.5	-	-

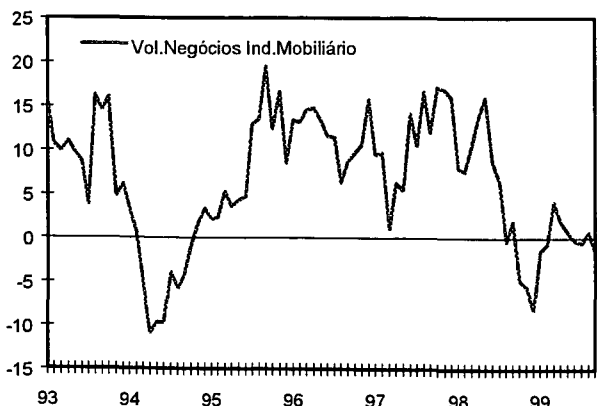
INDICADOR DE CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES



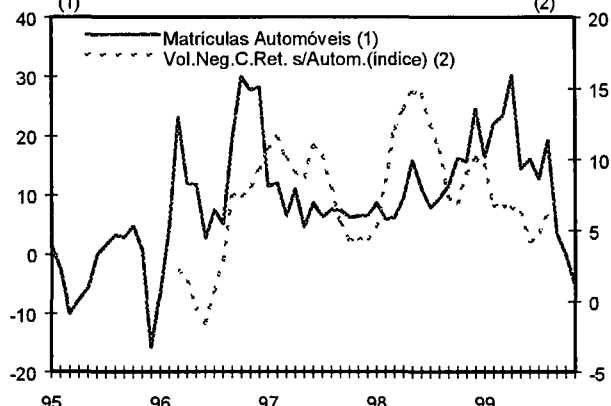
PROCURA INTERNA DE BENS DE



PROCURA INTERNA DE BENS
CONSUMO DURADOUROS



PROCURA INTERNA DE BENS
CONSUMO DURADOUROS



CONSUMO FINAL

O indicador de confiança dos consumidores manteve um nível estável durante o trimestre terminado em Novembro. No entanto, alguns indicadores da procura de bens de consumo apresentaram um menor dinamismo. As vendas de automóveis foram aquelas cujo crescimento mais abrandou durante este período.

O indicador de confiança dos consumidores estabilizou durante o trimestre terminado em Novembro. O mesmo comportamento foi revelado pelas apreciações das famílias acerca da sua situação financeira. Estas avaliações das famílias são coerentes com as evoluções do mercado de emprego e do poder de compra dos salários ao longo dos últimos meses.

O andamento positivo da procura interna de bens de consumo é confirmado pelas apreciações dos empresários do comércio a retalho e dos industriais acerca da procura interna que lhes foi dirigida até Novembro. Também o valor das importações de bens de consumo (excluindo automóveis) registou uma subida homóloga de 8,3 por cento ao longo do trimestre terminado em Agosto, a que deverá ter correspondido uma evolução real próxima de 9 por cento, uma vez que os respectivos preços de importação tiveram uma ligeira diminuição.

No entanto, o ritmo de crescimento do consumo tem continuado a abrandar, particularmente a aquisição de bens duradouros. Esta tendência é também observada no andamento do crédito ao consumo, sobretudo no crédito concedido para prazos superiores a 1 ano.

A evolução do consumo corrente permanece como a mais estável. Esta leitura é fornecida pelo valor das vendas das vendas dos supermercados e hipermercados, que registou uma subida homóloga de 8,2 por cento durante o trimestre terminado em Outubro. Por sua vez, o índice de volume de negócios no comércio a retalho de bens alimentares, vestuário e calçado registou um crescimento homólogo de apenas 3,9 por cento durante o trimestre terminado em Agosto, mas a recuperação das vendas das grandes superfícies e as apreciações dos empresários do comércio a retalho destes bens sugerem um andamento mais vivo da sua procura interna nos meses mais recentes.

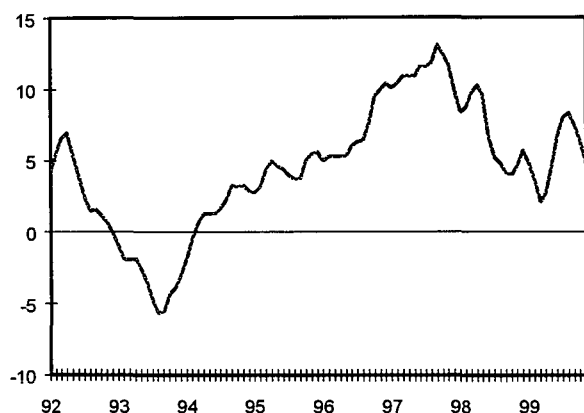
Por razões específicas, os crescimentos homólogos quer das vendas de gasolina quer das dormidas na hotelaria têm vindo a abrandar. No primeiro caso, o menor crescimento surge associado a idêntico comportamento das vendas de automóveis. No caso das dormidas, a comparação homóloga é penalizada pelo facto do correspondente período de 1998 ter sido caracterizado por uma procura excepcionalmente elevada. Assim, as vendas de gasolina terão registado uma subida homóloga de apenas 1,4 por cento durante o trimestre terminado em Outubro, enquanto as dormidas na hotelaria conheciam uma diminuição homóloga de 2,6 por cento ao longo do trimestre terminado em Agosto. A comparação homóloga mais desfavorável verificou-se nas dormidas de estrangeiros.

O abrandamento da procura de bens duradouros tem sido particularmente intenso nas vendas de automóveis. De facto, as vendas de automóveis e de veículos todo-o-terreno novos apresentaram uma descida homóloga de 2,5 por cento ao longo do trimestre terminado em Novembro, após terem registado um ritmo de crescimento bastante acentuado até ao terceiro trimestre. O mesmo perfil descendente foi observado na evolução do número das matrículas de automóveis e de veículos todo-o-terreno, que apresentou uma queda homóloga de 5,4 por cento durante o mesmo período.

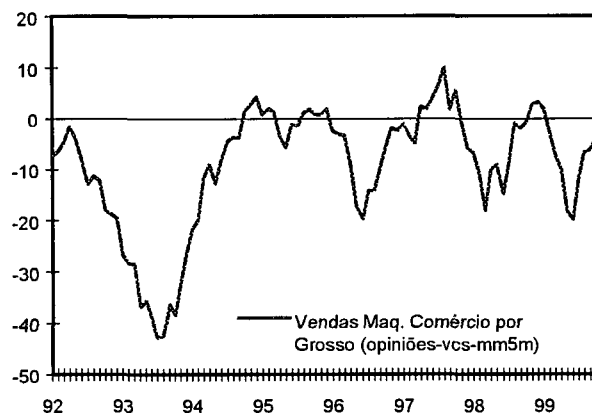
Por sua vez, o índice de volume de negócios no comércio a retalho de bens de consumo duradouro (excluindo automóveis) registou um crescimento homólogo de 6,1 por cento durante o trimestre terminado em Agosto, mas as opiniões dos empresários do comércio a retalho destes bens apontam também para um significativo enfraquecimento destas vendas até ao final de Novembro.

	Trimestres					Meses		
	III.98	IV.98	I.99	II.99	III.99	Set.99	Out.99	Nov.99
INVESTIMENTO								
Indicador Coincidente de FBCF	4.1	5.6	2.1	6.7	7.4	7.4	6.3	4.9
Crédito ao Investimento Empresarial (tvh-Euros)	21.2	25.1	24.4	21.2	21.7	21.7	-	-
CONSTRUÇÃO								
Vendas de Cimento	0.2	9.9	-0.6	4.8	5.6	5.6	3.7	3.3
Vendas de Varão para Betão	-5.3	18.5	19.7	22.6	7.0	7.0	6.6	-
Prod.Indust.de Barro p/Construção (índice-tvh)	3.0	13.3	13.5	16.9	14.5	X	X	X
Carteira de Encomendas (opiniões-ve)	-28	-35	-34	-31	-31	-35	-24	-21
Adjudic.Obras Públicas (valor-tv ano termin.em)	-6.1	-49.7	-42.6	-32.0	-33.0	-33.0	-28.3	4.7
Crédito para Compra de Habitação (valor-tvh)	59.3	40.0	64.9	32.2	-12.6	X	X	X
Licenças p/ Construção de Habit. Novas	9.8	16.2	13.4	10.6	9.6	9.6	-	-
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS								
Vendas no Comércio por Grosso (opiniões)	10	-1	-14	-16	-2	-2	-14	-30
MATERIAL DE TRANSPORTE								
Vendas de Veículos Comerciais Ligeiros	6.9	21.3	-0.7	12.0	12.3	12.3	4.4	-0.7
Matrículas de Veíc. Comerciais Pesados Novos	-6.8	19.3	7.8	34.1	33.4	33.4	27.8	21.5

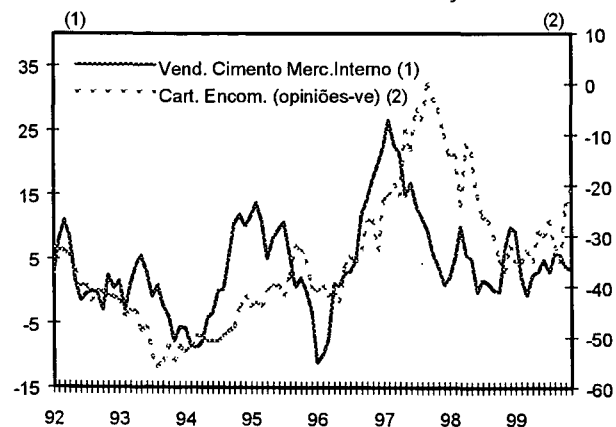
INDICADOR COINCIDENTE DO INVESTIMENTO



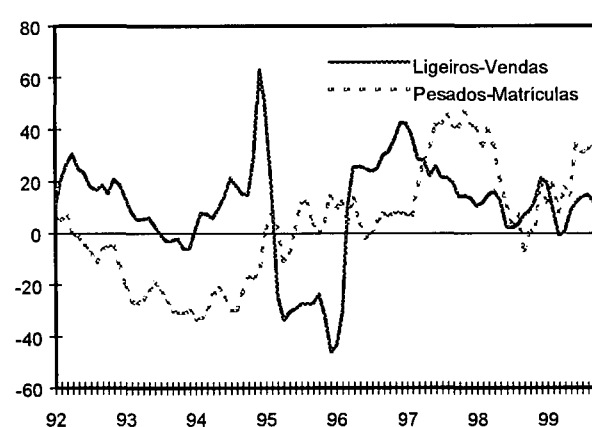
PROCURA DE MÁQUINAS



INVESTIMENTO EM CONSTRUÇÃO



PROCURA DE VEÍCULOS COMERCIAIS



INVESTIMENTO

O ritmo de crescimento do investimento desacelerou durante o trimestre terminado em Novembro. O investimento das famílias em habitação continuou a abrandar, o mesmo sucedendo com as componentes de máquinas, equipamentos e veículos comerciais ligeiros. O investimento em obras públicas continuou a recuperar.

O crescimento homólogo do indicador coincidente do investimento desacelerou, baixando para 4,9 por cento ao longo do trimestre terminado em Novembro. A evolução menos intensa deste indicador resultou do significativo abrandamento do investimento em veículos comerciais ligeiros e do menor dinamismo da componente de máquinas e equipamentos. Por outro lado, o investimento em obras públicas continuou a reanimar.

O conjunto dos indicadores referenciara uma evolução muito positiva do investimento empresarial até ao final do terceiro trimestre. Para além da forte subida das vendas de veículos comerciais, também as importações de máquinas registaram uma subida homóloga real de cerca de 12 por cento entre Janeiro e Agosto, enquanto o crédito concedido às empresas não financeiras com a finalidade de investimento apresentava um crescimento homólogo de 21,7 por cento no final de Setembro. No entanto, as evoluções posteriores das vendas de veículos comerciais e de máquinas apontam para uma perda de dinamismo do investimento empresarial durante os meses mais recentes.

Assim, as opiniões dos empresários do comércio do subsector grossista de máquinas e equipamentos relativamente à evolução das suas vendas apresentaram um saldo bastante desfavorável durante o trimestre terminado em Novembro.

Por sua vez, as vendas de veículos comerciais ligeiros registaram uma queda homóloga de 0,7 por cento ao longo do trimestre terminado em Novembro. Apenas as matrículas de veículos comerciais pesados novos mantiveram uma evolução bastante positiva, apresentando uma variação homóloga de 21,5 por cento durante o mesmo período.

O ritmo de crescimento do investimento das famílias

em habitação abrandou significativamente a partir do final do primeiro semestre. De facto, o valor dos novos contratos celebrados com este fim entre as instituições financeiras e particulares registou uma descida homóloga de 12,6 por cento durante o terceiro trimestre, o que contrasta com o crescimento muito acentuado em períodos anteriores. As opiniões dos empresários da construção acerca da venda de fogos sugerem que esta tendência da procura de habitações se prolongou até ao final de Novembro. No entanto, a actividade de construção de habitações manteve uma evolução muito favorável, o mesmo sucedendo com as intenções de investimento das empresas neste domínio. Na verdade, apesar de evidenciar uma ligeira desaceleração, o crescimento homólogo do número de licenças concedidas para a construção de habitações novas situou-se ainda em 9,6 por cento durante o terceiro trimestre. A evolução positiva da actividade na construção é evidenciada quer pelas opiniões empresariais quer pelo crescimento da procura de materiais com destino ao sector.

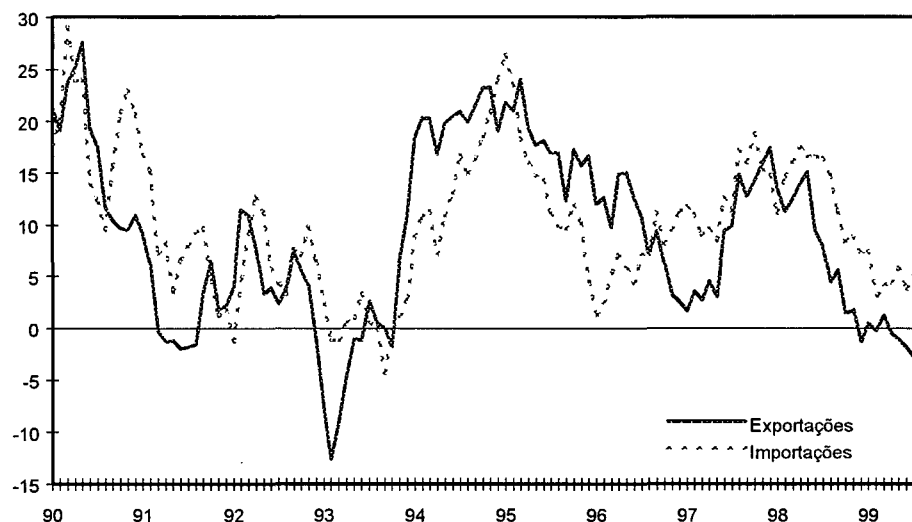
O esforço de investimento das empresas em construção de habitações e a recuperação das obras públicas fizeram com que o investimento global em construção mantivesse uma evolução favorável.

De facto, o valor das adjudicações de obras públicas conheceu uma subida homóloga de 4,7 por cento durante o ano terminado em Novembro, após ter sofrido uma quebra muito forte ao longo do ano passado.

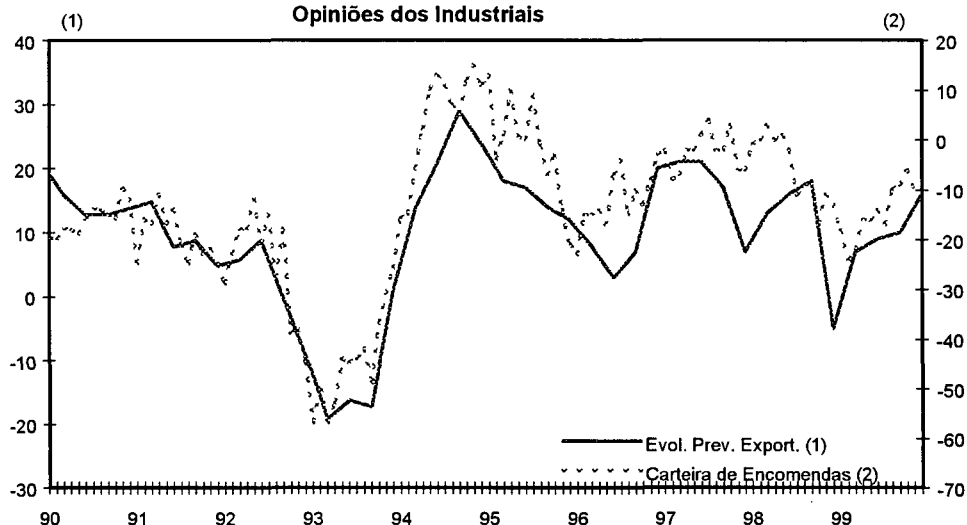
O investimento em construção deverá apresentar uma evolução favorável ao longo dos próximos meses, dadas as actuais intenções de investimento, das empresas e do Estado, neste domínio. Esta leitura é também sugerida pela melhoria da carteira de encomendas do sector até ao final de Novembro.

	Trimestres					Meses		
	IV.98	I.99	II.99	III.99	IV.99	Set.99	Out.99	Nov.99
PROCURA EXTERNA								
Indicador de Procura Externa em valor (Euros)	1.4	-0.6	4.1	9.0	-	9.0	-	-
Exportações de Mercadorias em valor (Esc.)	-1.3	1.2	-1.9	-	-	-	-	-
Intra-União Europeia	1.8	5.5	-1.2	-	-	-	-	-
Extra-União Europeia	-14.3	-18.9	-5.1	-1.9	-	-1.9	4.5	-
Exportações de Mercadorias em volume (tvh)	1.1	2.5	-	-	-	X	X	X
Carteira de Encomendas Externa (opiniões-ve)	-14	-21	-15	-12	-	-9	-6	-10
Evol.Prevista das Export.(opiniões-vcs-valor trim.)	-5	7	9	10	16	X	X	X
IMPORTAÇÕES								
Importações de Mercadorias em valor (Esc.)	7.3	4.2	3.7	-	-	-	-	-
Importações de Mercadorias em volume (tvh)	12.0	10.7	-	-	-	X	X	X
TAXA DE COBERTURA (vcs-mm3m)	63.8	64.3	61.7	-	-	-	-	-

EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL



PROCURA EXTERNA Opiniões dos Industriais



PROCURA EXTERNA

A carteira de encomendas externa das empresas industriais melhorou até ao final de Novembro, beneficiando do andamento mais favorável da procura mundial. O valor das exportações para fora da UE situa-se já acima do período homólogo.

O valor em escudos das exportações de mercadorias melhorou desde o início do ano, mas durante o trimestre terminado em Agosto situou-se ainda 1,1 por cento aquém do período homólogo. As vendas para a UE apresentaram uma tendência similar. No entanto, durante o trimestre terminado em Outubro, as exportações para os mercados extra-comunitários foram já superiores às do período homólogo. A evolução real das exportações estará a ser um pouco mais favorável, dado que os preços de exportação registaram uma descida homóloga de 3,3 por cento durante o primeiro semestre. O valor das importações tem registado uma aceleração mais intensa do que o das exportações, tendo o seu crescimento homólogo sido de 7,6 por cento durante o trimestre terminado em Agosto.

Tanto a procura nos principais países clientes de Portugal como as apreciações dos industriais acerca da sua carteira de encomendas externa melhoraram até ao final de Novembro, pelo que o mesmo deverá ter sucedido com as exportações portuguesas.

As exportações com destino ao mercado intra-comunitário apresentaram uma diminuição homóloga de 0,6 por cento ao longo do trimestre terminado em Agosto, após uma descida de 1,2 por cento no segundo trimestre. A França, a Holanda e a Suécia foram os países comunitários em que as exportações portuguesas apresentaram resultados mais negativos durante os oito primeiros meses do ano. Inversamente, as exportações com destino a Espanha evoluíram favoravelmente.

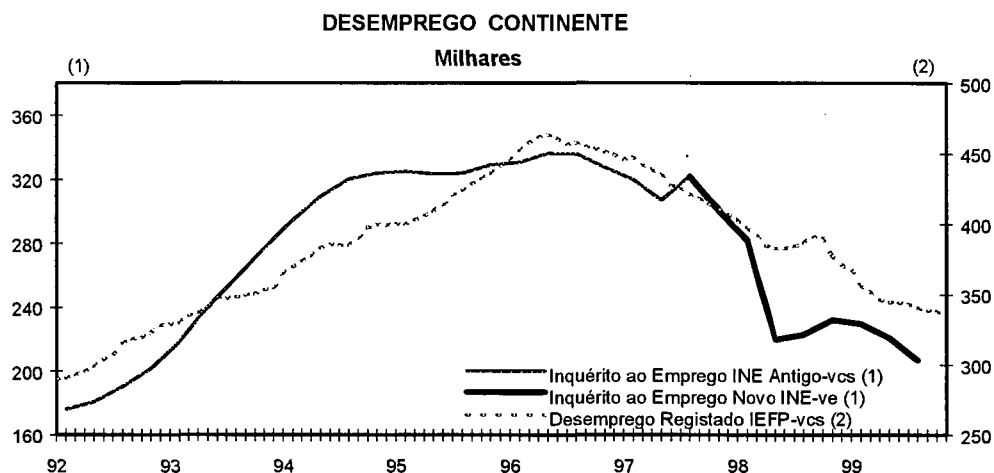
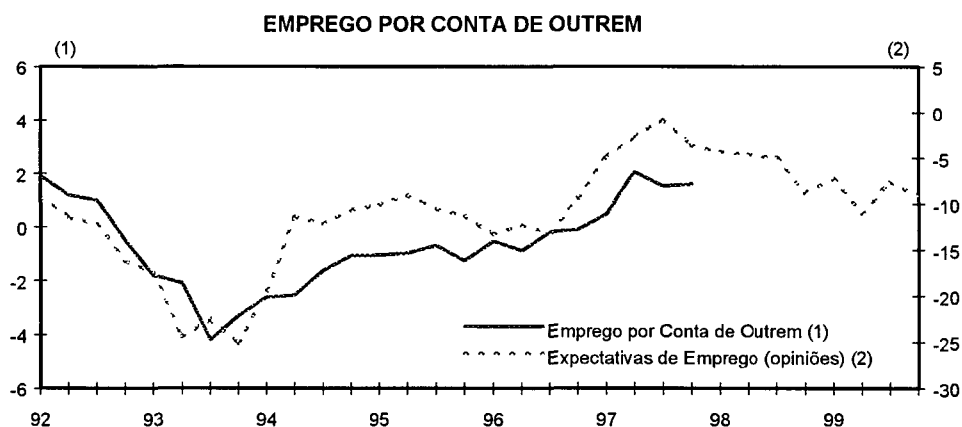
As máquinas e aparelhos foram os produtos cujas vendas para a UE mais cresceram neste período, enquanto as de peles e couro, de matérias têxteis e de produtos agrícolas apresentavam evoluções muito negativas.

As vendas para os mercados extra-comunitários conheceram uma subida homóloga de 4,5 por cento durante o trimestre terminado em Outubro, como resultado de uma recuperação contínua ao longo do corrente ano. Durante os primeiros dez meses de 1999, as vendas para os EUA registaram uma variação homóloga ligeiramente positiva, enquanto as exportações para os restantes países americanos, para o Japão e para os PALOP conheciam fortes quedas.

O valor das importações registou uma variação homóloga de 5,6 por cento entre Janeiro e Agosto. As importações de combustíveis subiram 20,6 por cento, tendo sido as principais responsáveis pelo agravamento do défice comercial durante os últimos meses. É de salientar que estas importações tinham conhecido uma descida homóloga durante a primeira metade do ano. Por sua vez, as importações de bens de consumo (excluindo material de transporte) subiram 8,3 por cento, enquanto as de material de transporte (destinado a consumo ou a investimento) aumentavam 15,8 por cento. As importações de bens de equipamento (excluindo material de transporte) cresceram 8,8 por cento.

Inversamente, as importações de bens intermédios apresentaram uma evolução negativa durante os primeiros oito meses do ano, em resultado da evolução negativa dos preços das matérias-primas não energéticas e do fraco dinamismo da produção industrial durante o primeiro semestre. Refira-se que, entre Janeiro e Junho, os preços dos produtos intermédios importados situaram-se cerca de 9 por cento abaixo do período homólogo. Entre Janeiro e Agosto, o valor das importações de bens intermédios primários sofreu uma queda homóloga de 15,7 por cento, enquanto o das importações de bens transformados diminuiu 3,4 por cento.

	Trimestres					Meses		
	IV.98	I.99	II.99	III.99	IV.99	Set.99	Out.99	Nov.99
EMPREGO E DESEMPREGO								
EMPREGO - INE (País)								
Emprego Total (tvh)	2.2	2.3	1.3	2.0	-	X	X	X
Emprego na Indústria Transformadora (tvh)	-3.1	-0.6	-3.2	-1.6	-	X	X	X
Emprego na Construção (tvh)	10.5	8.4	4.1	3.9	-	X	X	X
Emprego nos Serviços (tvh)	5.1	4.4	5.0	5.2	-	X	X	X
Emprego por Conta de Outrem (tvh)	3.5	4.1	3.0	3.4	-	X	X	X
EMPREGO - EXPECTATIVAS								
Indicador (Opiniões-ve)	-9	-7	-11	-8	-9	X	X	X
DESEMPREGO - INE (País - ve)								
Total (milhares)	239.6	237.9	228.2	212.9	-	X	X	X
Taxa de Desemprego (valor trimestral)	4.8	4.7	4.5	4.2	-	X	X	X
DESEMPREGO - IEFP (País - vcs - milhares)								
Desempregados Inscritos no Fim do Mês	385.8	364.4	355.6	350.8	-	350.8	348.9	345.5
Desempreg. Inscritos ao Longo do Mês (mm3m)	34.5	34.5	34.9	35.4	-	35.4	35.4	33.4
DESEMPREGO - EXPECTATIVAS								
Inquérito aos Consumidores(Opiniões-ve-mm3m)	24	19	13	13	-	13	12	11
SALÁRIOS - Total (mm3m)	3.1	3.2	3.6	3.6	-	3.6	3.6	3.5



EMPREGO E SALÁRIOS

O mercado de emprego mantém uma evolução bastante favorável, o que possibilitou uma diminuição do desemprego até ao final de Novembro. A descida do desemprego tem sido acompanhada por uma melhoria do poder de compra dos salários.

O número, corrigido da sazonalidade, de desempregados inscritos nos centros de emprego no total do País desceu cerca de 5 mil entre Setembro e Novembro, atingindo o nível mais baixo desde o início de 1994. Face ao período homólogo de 1998, o número de desempregados diminuiu 11,6 por cento. É provável que o inquérito ao emprego realizado junto das famílias pelo INE venha também a apurar uma descida homóloga do desemprego durante o quarto trimestre do corrente ano.

O saldo das expectativas dos consumidores inquiridos pelo INE acerca do comportamento do desemprego tem apresentado um perfil semelhante ao da evolução do desemprego, diminuindo também entre Setembro e Novembro.

O número, corrigido da sazonalidade, de novas inscrições de desempregados reduziu-se durante o trimestre terminado em Novembro, o que, associado ao dinamismo das novas ofertas de emprego, justifica a redução do total de desempregados inscritos.

O emprego por conta de outrem deverá continuar a ser a componente mais dinâmica na criação de novos empregos, verificando-se uma relativa estabilidade das expectativas empresariais quanto ao andamento do volume de emprego do terceiro para o quarto trimestre. Em consonância com estas indicações, o número de novas ofertas de emprego conheceu um crescimento homólogo de 12,1 por cento ao longo do trimestre terminado em Novembro, consolidando a tendência positiva já verificada desde o início do quarto trimestre do ano passado.

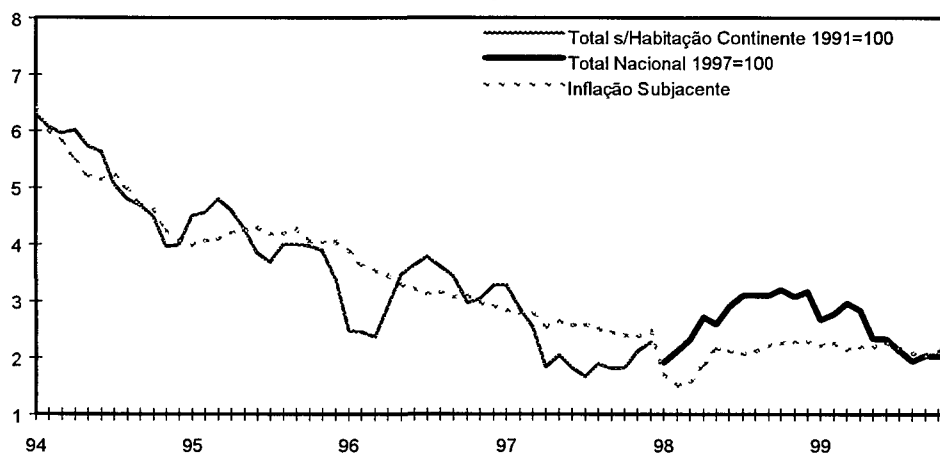
Analisando os motivos que estiveram na origem das novas inscrições de desempregados, constata-se, desde o início do ano, uma redução do número, corrigido da sazonalidade, das inscrições motivadas por despedimento, o mesmo se verificando ao longo do

segundo semestre nas inscrições motivadas pelo fim de contratos de trabalho não permanente. O conjunto das inscrições por perda de emprego, englobando os dois motivos anteriormente referidos e as pessoas que se despediram, tinha subido em 1998 e no início do corrente ano.

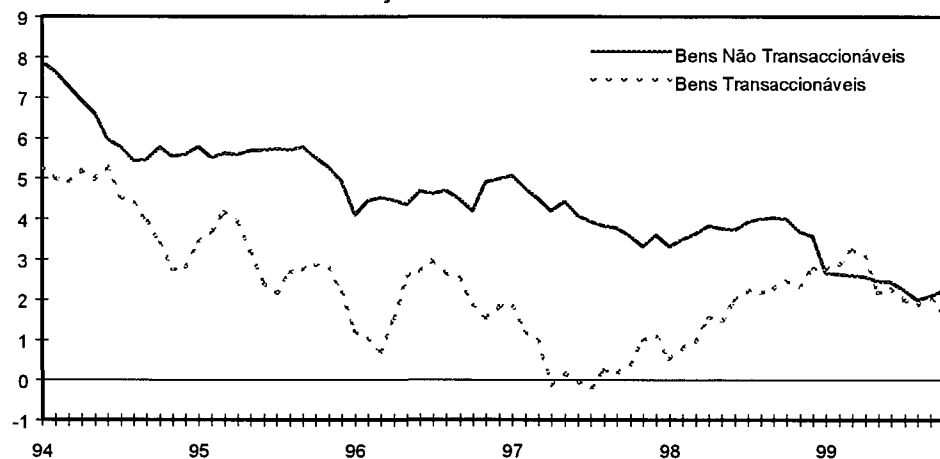
Por sua vez, os salários contratados apresentaram uma subida anualizada de 3,5 por cento durante o trimestre terminado em Novembro, uma tendência muito próxima da verificada durante o segundo e o terceiro trimestres de 1999. Como a percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor se situou em 2 por cento durante o trimestre terminado em Novembro, o poder de compra dos salários continuou a melhorar durante este período. A evolução positiva do emprego, do poder de compra dos salários e de outros rendimentos propiciados pelo bom andamento da actividade económica justificam a estabilidade, a um nível bastante positivo, das apreciações dos consumidores relativas à evolução da sua situação financeira.

	Trimestres					Meses		
	III.98	IV.98	I.99	II.99	III.99	Set.99	Out.99	Nov.99
PREÇOS NO CONSUMIDOR (valores mensais)								
Índice Nacional	3.1	3.1	2.8	2.5	2.0	2.0	2.0	2.0
Índice Harmonizado	2.4	2.7	2.7	2.3	1.9	1.9	1.8	1.9
Indicador de Inflação Subjacente	2.1	2.3	2.2	2.2	2.1	2.0	2.1	2.3
Índice Transaccionáveis	2.2	2.5	3.0	2.5	2.0	2.0	1.7	1.7
Não Alimentares	1.5	1.9	2.5	2.1	1.7	1.6	1.6	1.9
Índice Não Transaccionáveis	4.0	3.8	2.6	2.5	2.1	2.1	2.2	2.4
Índice Bens	2.3	2.4	2.3	1.9	1.4	1.4	1.1	1.2
Índice Serviços	4.9	4.7	3.9	3.8	3.5	3.4	3.7	3.8
PREÇOS NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA								
Preços de Produção (índice)	-5.6	-7.8	-6.3	0.5	6.7	6.7	9.3	-
Preços de Produção (índice excl. Alim.e Energ.)	1.1	0.2	-0.3	-0.1	0.9	0.9	1.3	-
Expectativas de Preços (opiniões)	4	-1	-1	7	5	5	6	7
EVOLUÇÃO CAMBIAL								
Taxa de Câmbio Efectiva (índice mensal)	0.3	0.9	-	-	-	-	-	-
Câmbio ECU/Esc. (valor mensal)	-1.3	-0.1	0.9	0.9	0.7	0.6	0.8	0.5
Câmbio Dólar/Esc. (valor mensal)	1.4	5.1	4.2	-3.2	-5.6	-8.6	-10.3	-11.2

TAXA DE INFLAÇÃO MENSAL



INFLAÇÃO POR TIPOS DE BENS



PREÇOS E CÂMBIOS

A percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor estabilizou entre Setembro e Novembro mas o indicador da inflação subjacente acelerou neste período. As apreciações empresariais acerca dos preços de venda apresentaram também um perfil ascendente durante os últimos meses.

A percentagem de variação homóloga mensal do índice de preços no consumidor nacional situou-se em 2 por cento em Novembro, um valor idêntico ao apurado nos dois meses precedentes. A mesma medida do índice de preços harmonizado subiu para 1,9 por cento em Novembro, contra 1,8 por cento em Outubro. Se os preços no consumidor apresentarem em Dezembro uma evolução semelhante à do período homólogo de 1998, a inflação média anual ao longo do corrente ano situar-se-á em 2,3 por cento.

Devido à sua estabilidade durante os últimos meses, a inflação portuguesa aproximou-se da média da UE. De facto, avaliada pelos índices não harmonizados, a percentagem de variação homóloga mensal da UE subiu para 1,5 por cento em Novembro.

No entanto, a tendência de fundo da inflação acelerou em Portugal entre Setembro e Novembro, tendo a percentagem de variação homóloga do indicador da inflação subjacente subido de 2 por cento para 2,3 por cento. A mesma leitura é fornecida pela variação homóloga dos preços dos bens não alimentares, que neste período passou de 0,9 por cento para 1,1 por cento, e pela dos serviços, que subiu de 3,4 por cento para 3,8 por cento. Esta aceleração da tendência de fundo da inflação foi compensada por um significativo abrandamento da inflação da componente alimentar. Assim, a percentagem de variação homóloga dos preços destes bens baixou neste período de 2,4 por cento para 1,4 por cento.

A desaceleração da inflação dos bens alimentares resultou da queda dos preços dos legumes, da batata, das frutas e da carne de vitela, bem como da evolução mais moderada do preço do vinho. O conjunto destes preços aumentara muito fortemente no final do ano passado, provocando uma importante subida da inflação.

Para a aceleração da inflação dos bens não alimentares contribuiu significativamente a evolução dos preços dos produtos do vestuário e do calçado que, em termos homólogos, passou de um valor negativo de -0,4 por cento em Setembro para 1,1 por cento em Novembro. A subida da inflação dos serviços foi observada na generalidade das suas classes, com destaque para o "Gás", os "Transportes", a "Educação", e os "Restaurantes".

A aceleração da tendência de fundo da inflação verifica-se num momento em que a taxa de desemprego está bastante baixa, e continua a descer, e em que os salários contratados registam, desde o início do segundo trimestre, subidas anualizadas em torno de 3,6 por cento. Por outro lado, verifica-se uma aceleração da inflação no exterior, particularmente na UE, uma significativa subida dos preços do petróleo e uma importante depreciação do Euro face ao Dólar. Constata-se, adicionalmente, uma subida progressiva do saldo das apreciações empresariais acerca da evolução dos preços de venda, tanto na indústria como no comércio. Este conjunto de factores sugere que a aceleração da tendência de fundo da inflação deverá prosseguir durante os próximos meses.

De resto, os preços de venda à saída da fábrica têm também vindo a acelerar, não só nos derivados de petróleo como também no conjunto dos restantes produtos. Assim, a percentagem de variação homóloga dos preços de venda à saída da fábrica subiu para 9,3 por cento no terceiro trimestre, e a do índice que exclui os produtos alimentares e os produtos energéticos passou para 1,3 por cento, quando fora negativa nos dois trimestres anteriores.

NOTAS

Com excepção de situações devidamente identificadas, os valores que constam nos quadros e gráficos e que servem de referência para a análise são, no caso das séries quantitativas, variações homólogas em média móvel de 3 meses ou, no caso das séries qualitativas, médias móveis de 3 meses de valores corrigidos da sazonalidade (v.c.s.).

Página 2. Enquadramento Externo.

PIB dos países clientes. Agregação da variação homóloga do PIB (1995=100), a preços constantes, dos Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Espanha, Itália, Holanda, Suécia, Dinamarca e Suíça; ponderadores: estrutura das exportações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Produção Industrial - Países Clientes. Agregação dos índices de produção industrial (1995=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica e excluindo Suíça e Dinamarca), utilizando idênticos ponderadores. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços de Produção - Países Fornecedores. Agregação dos índices de preços de produção (1995=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica); ponderadores: estrutura das importações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços no Consumidor - UE. Harmonizado. Fonte: EUROSTAT.

Taxa de Desemprego - UE. Fonte: OCDE.

Carteira de Encomendas - Indústria da UE. Inquérito à Indústria Transformadora. (Nota: a partir de 1991, a série sofreu alterações devido à inclusão dos novos Länders da Alemanha) Fonte: CE.

Indicador de Confiança dos Consumidores - UE. Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE.

Índice de Preços de Matérias Primas ("The Economist"). 1990=100, em dólares.

Página 4. Actividade Económica.

Indicador de Clima Económico. Variável estimada com base em séries dos inquéritos de opinião à indústria transformadora, ao comércio, à construção e à indústria transformadora da UE. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicador de Actividade Económica. Variável estimada com séries quantitativas. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicadores de Clima na Indústria, no Comércio e na Construção. Variáveis estimadas com base em séries qualitativas dos respectivos inquéritos de opinião. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Índices (1995=100) de Produção da Indústria Transformadora, de Volume de Negócios do Comércio a Retalho e da Indústria Transformadora, Procura Interna de Bens Intermédios. Fonte: INE.

Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto. Fonte: Direcção Geral de Turismo, Ministério da Economia (M.E.).

Consumo de Energia Eléctrica. Evolução corrigida da temperatura e do número de dias úteis. Fonte: EDP.

Consumo Industrial de Energia Eléctrica. Fonte: EDP.

Consumo de Fuel - Indústria Transformadora. Fonte: Petrogal.

Página 6. Consumo Final.

Consumo Público. Fonte: Direcção Geral do Orçamento, Ministério das Finanças (M.F.).

Indicador de Confiança dos Consumidores - Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE até Julho de 1996; entre Agosto de 1996 e Agosto de 1997, estimação do GE - INE; a partir de Setembro de 1997, inquérito do INE.

Situação Financeira das Famílias - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Crédito a Particulares para Outros Fins (excluindo habitação) em Euros. Valores de fim do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Operações Multibanco. Montantes de levantamentos de nacionais, de pagamentos de serviços e compras TPA. Fonte: SIBS.

Procura Interna de Bens de Consumo Industriais, Vendas no Comércio a Retalho (opiniões e Índices), Índice de Volume de Negócios da Indústria de Mobiliário, Dormidas na Hotelaria. Fonte: INE.

Vendas de Super e Hipermercados. Fonte: APED.

Vendas de Gasolina. Fonte: Petrogal.

Vendas e Matrículas (Emissão de Livretes) de Automóveis e de Veículos de Todo-o-Terreno. Fonte: ACAP.

Página 8. Investimento.

Indicador Coincidente. Agregação ponderada de indicadores de investimento na construção, máquinas e veículos comerciais. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Crédito ao Investimento Empresarial. Crédito a empresas não financeiras em Euros. Valor no final do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Vendas de cimento. Fonte: CIMPOR e SECIL.

Vendas de Varão para Betão. Fonte: Siderurgia Nacional e INE(importações).

Índice de Produção de Barro para Construção (1995=100), Carteira de Encomendas na Construção, Licenças para Construção,

Vendas de Máquinas no Comércio por Grosso. Fonte: INE.

Crédito para Compra de Habitação. Fluxos trimestrais. Fonte: Direcção Geral do Tesouro, M.F..

Adjudicações de Obras Públicas. Fonte: AECOPS.

Vendas e Matrículas de Veículos Comerciais. Fonte: ACAP.

Página 10. Procura Externa.

Indicador de Procura Externa. Agregação ponderada do valor (em Euros, 1995=100) das mercadorias importadas pelos principais países clientes de Portugal (os mesmos utilizados para o PIB dos países clientes, mais a Bélgica e menos a Holanda). Fonte: OCDE.

Exportações de Mercadorias (Nota: a partir de Janeiro de 1998, procedeu-se ao ajustamento de parte do valor estatístico relativo ao comércio com a União Europeia), Importações de Mercadorias, Carteira de Encomendas, Volume Exportado - Previsto - e Taxa de Cobertura. Fonte: DGREI, M.E., e INE.

Página 12. Emprego e Salários.

Emprego - Inquérito Antigo às Famílias até 4º trimestre de 1997; Inquérito Novo às Famílias a partir do 3º trimestre de 1998, Desemprego - Inquérito Novo às Famílias, Expectativas de Emprego. Fonte: INE.

Desemprego - Mercado de Emprego. Fonte: IEFP.

Expectativas de Desemprego - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Salários. Variação Média Ponderada Intertabelas, anualizada. Fonte: Gabinete de Estudos de Rendimento do Trabalho, Ministério do Trabalho e da Solidariedade.

Página 14. Preços e Câmbios.

Índices de Preços no Consumidor Total sem Habitação (1991=100) - Continente até Dezembro de 1997; Índices de Preços no Consumidor Total (1997=100) - Nacional a partir de Janeiro de 1998. Produção na Indústria (1995=100) e Expectativas sobre Preços na Indústria. Fonte: INE.

Inflação Subjacente. Estimada com base em índices de preços no consumidor (1997=100) de 67 subgrupos de produtos. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Índices de Preços de Exportação e de Importação (1996=100). Comércio de Mercadorias. Fonte: DGREI, ME.

Informação sobre Câmbios. Fonte: Banco de Portugal.

LISTA DE PUBLICAÇÕES

Algumas Publicações
Editadas pelo INE

* PORTES DE CORREIO

	PORTUGAL		EUROPA		RESTO DO MUNDO	
	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso
1	1.920\$00	160\$00	5.040\$00	420\$00	9.300\$00	775\$00
2	1.020\$00	85\$00	2.520\$00	210\$00	4.080\$00	340\$00
3	340\$00	85\$00	840\$00	210\$00	1.360\$00	340\$00
4	170\$00	85\$00	420\$00	210\$00	680\$00	340\$00
5	285\$00	285\$00	765\$00	765\$00	1.480\$00	1.480\$00
6	560\$00	560\$00	1.325\$00	1.325\$00	2.600\$00	2.600\$00
7	900\$00	300\$00	2.295\$00	765\$00	4.440\$00	1.480\$00

METODOLOGIAS, NOMENCLATURAS E CONCEITOS	AVULSO	ASSIN.	*
Índice de Custo do Trabalho - Metodologia e 1º Resultados (1995 a 1º Trim. 1999)	600\$00		
Nomenclaturas Territoriais Designações e Códigos 1998	3.600\$00		
Classificação Nacional de Bens e Serviços 1998	12.000\$00		
ESTATÍSTICAS GERAIS			
Anuário Estatístico de Portugal 1998	10.700\$00	8.600\$00	6
Boletim Mensal de Estatística 1999 (x 12)	2.400\$00	23.000\$00	1
Indicadores Urbanos do Continente 1999	5.100\$00		
POPULAÇÃO, AMBIENTE CONDIÇÕES SOCIAIS			
Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 1997	3.800\$00	3.000\$00	5
Série Estimativas Provisórias N° 28	3.900\$00		
Portugal Social 1991/1995	6.000\$00		
Estatísticas da Proteção Social 1997	2.160\$00	1.730\$00	5
Estatísticas da Saúde 1998	9.000\$00	7.200\$00	6
Estatísticas Demográficas 1998	6.600\$00	5.300\$00	6
Estatísticas do Ambiente 1997	3.000\$00	2.400\$00	5
Estatísticas do Emprego 1999 (Trimestral)	1.300\$00	4.200\$00	3
AGRICULTURA, SILVICULTURA E PESCA			
Estatísticas da Pesca 1998	3.000\$00	2.400\$00	5
Inquérito às Plantações de Árvores de Fruto 1998	1.500\$00		
Estatísticas Agrícolas 1998	4.200\$00	3.400\$00	5
Pescas em Portugal 1986 - 1996	6.300\$00		
Contas Económicas da Agricultura 1998	1.500\$00		
Estado das Culturas e Previsão das Colheitas 1999	240\$00	2.300\$00	2
INDÚSTRIA, CONSTRUÇÃO E ENERGIA			
Estatísticas da Construção de Edifícios 1997	2.120\$00	1.700\$00	5
Estatísticas da Produção Industrial 1997	4.300\$00	3.400\$00	5
Estatísticas das Empresas - Agricultura e Indústria 1997	2.700\$00	2.160\$00	5
Índices de Produção Industrial 1999	230\$00	2.200\$00	2
Estatísticas das Empresas - Construção 1997	1.500\$00	1.200\$00	5
Inquérito Mensal à Construção e Obras Públicas 1999	600\$00	6.200\$00	2
Índices de Preços na Produção Industrial 1999	430\$00	4.100\$00	2
Índices de Volume de Negócios, Emprego, Remunerações e Horas Trabalhadas na Indústria 1999	380\$00	3.600\$00	2
Inquérito Mensal à Indústria Transformadora 1999	720\$00	6.900\$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura Serviços Prestados às Empresas 1999	300\$00	2.900\$00	2
COMÉRCIO INTERNACIONAL			
Comércio Internacional 1999	880\$00	8.500\$00	2
Estatísticas do Comércio Internacional 1997	8.400\$00	6.720\$00	6
Comércio Extra-Comunitário 1999	700\$00	6.700\$00	2
COMÉRCIO INTERNO, TURISMO E OUTROS SERVIÇOS			
Estatísticas do Turismo 1998	4.700\$00	3.800\$00	6
Estatísticas dos Transportes e Comunicações 1998	6.300\$00	5.000\$00	6
Estatísticas das Empresas - Comércio e Outros Serviços 1997	9.000\$00	7.200\$00	6
Estatísticas dos Transportes Rodoviários de Passageiros e de Mercadorias 1996/1997	2.600\$00		
Gastos dos Estrangeiros não Residentes Residentes em Portugal 1997	1.220\$00		
Estabelecimentos Comerciais 1998	900\$00	720\$00	5
Índice de Volume de Negócios no Comércio a Retalho 1999	190\$00	1.800\$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura ao Comércio 1999	1.300\$00	12.500\$00	2
ECONOMIA E FINANÇAS			
Estatísticas das Receitas Fiscais 1996	3.070\$00	2.460\$00	6
Empresas em Portugal 1990 - 1995	2.190\$00		
Estatísticas das Administrações Públicas 1997	2.300\$00	1.800\$00	5
Estatísticas Monetárias e Financeiras 1997	5.500\$00		
Sistema de Contas Integradas das Empresas 1995 - 1996	3.800\$00		
Índice de Preços no Consumidor 1999	1.400\$00	13.400\$00	2
Contas Nacionais 1995	2.070\$00		
Síntese Económica Mensal 1999	480\$00	4.600\$00	2
ESTATÍSTICAS REGIONAIS			
Contas Regionais 1995	2.900\$00		
Retrato das Regiões 1998	5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Lisboa e Vale do Tejo 1998	6.000\$00		
Inventário Municipal da Região Lisboa e Vale do Tejo 1998	5.970\$00		
Inquérito ao Emprego Região de Lisboa e Vale do Tejo (NUTS III) 1999 (Semestral)	600\$00		
Índice de Preços no Consumidor - Região de Lisboa e Vale do Tejo 1999 (Mensal)	600\$00	5.800\$00	2
Anuário Estatístico da Região Algarve 1998	4.000\$00		
Inventário Municipal da Região Algarve 1998	4.800\$00		
Anuário Estatístico da Região Alentejo 1998	4.500\$00		
Inventário Municipal da Região Alentejo 1998	5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Centro 1998	6.000\$00		
Inventário Municipal da Região Centro 1998	6.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Norte 1998	5.000\$00		
ESTUDOS			
Revista de Estatística 1999 (quadrimestral)	2.500\$00	6.000\$00	7



* C J 0 7 9 9 1 1 *